
Dossiê

“Todo mundo tem corpo de biquíni”: problematizando a gordofobia e padrões de feminilidades a partir do filme “Dumplin” (2018)

Elaine de Jesus Souza¹
Eugèrbia Paula da Rocha²
Claudiene Santos³

Resumo:

Neste estudo, analisamos discursos sobre feminismos e feminilidades juvenis no contexto escolar do Cariri cearense a partir da problematização de artefatos culturais. A pesquisa contou com 13 estudantes jovens mulheres de escolas públicas estaduais, por meio de uma entrevista coletiva, com a análise foucaultiana do discurso para examinar o material empírico. Os resultados obtidos evidenciaram que as feminilidades juvenis são marcadas por padrões normativos estereotipados, *bullying*, violências e preconceitos, como a gordofobia, bem como o não reconhecimento das múltiplas feminilidades. Assim, concluímos enfatizando a importância de incorporar o debate sobre os feminismos e as feminilidades nos currículos escolares e acadêmicos.

Palavras-Chave: Feminilidades. Feminismos. Gênero. Gordofobia. Cinema.

Introdução

No nosso cotidiano ainda é frequente o uso de expressões e/ou termos pejorativos como: “Bela, recatada e do lar”, “sexo frágil”, “mulher no volante perigo constante”. Embora sejam banalizados, tais enunciados polarizam e reiteram hierarquias de gênero, reforçando preconceitos e a “subordinação” das mulheres. Como consequência dessas violências psicológicas e verbais (nem sempre reconhecidas), ampliam-se a vulnerabilização feminina desde a juventude, em face da “cultura do estupro”, assédios, abusos e práticas de violências físicas e emocionais fora e dentro de casa, como também na escola. Tais violências são marcadas, principalmente, pelas desigualdades de gênero, perpetuando o machismo na sociedade patriarcal que sustenta e reforça as relações de poder. Por isso, é importante problematizar a linguagem misógina, sexista e machista que (re)produz preconceitos e desigualdades de gênero na sociedade e, especificamente, no contexto escolar.

¹ Universidade Federal do Cariri/UFCA. Programa de Pós-Graduação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. E-mail: elaine.js.sd@hotmail.com <https://orcid.org/0000-0003-3931-0025>

² Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Programa de pós-graduação em educação (FURG). Brejo Santo, Ceará, Brasil. Email: eugerbiorochabs@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-1459-2428>

³ Universidade Federal de Uberlândia/ Pontal; Instituto de Ciências Humanas do Pontal. Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. Email: claudiene.santos@ufu.br <https://orcid.org/0000-0002-2337-9370>

De acordo com as estatísticas da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS)⁴, entre 2018 e o primeiro semestre de 2020, o Ceará registrou a morte de 74 mulheres vítimas de feminicídio. Sendo 13 óbitos registrados apenas nos primeiros seis meses de 2020, ou seja, todas foram mortas pela condição de seu gênero, e, na maioria das vezes, os criminosos foram seus próprios (ex)companheiros que, em muitos casos, protagonizaram uma sequência de episódios violentos até se tornarem feminicidas.

Nesse contexto, justifica-se a necessidade de incluir, de forma contínua e sistemática, nos espaços educacionais as temáticas sexualidade, gênero, feminismos, feminilidades, visando problematizar e desconstruir preconceitos, violências e essencialismos produzidos culturalmente, que marcam as vivências de jovens, em especial os corpos femininos⁵, no ambiente escolar. É necessário promover o conhecimento em um sentido amplo, para além de abordagens conteudistas, cujo ponto de partida seria compreender os feminismos e começar, no contexto escolar, a questionar discursos machistas/misóginos/sexistas, reverberando vozes e visibilizando as lutas, as vivências e as narrativas das jovens estudantes. Ultrapassar as fronteiras de gêneros e desconstruir padrões estéticos e rótulos estereotipados atribuídos às mulheres ao longo da história para desfazer tabus que cercam essas temáticas em todas as suas nuances.

Artefatos culturais, como filmes e séries, podem ser utilizados para problematizar desigualdades de gênero que permeiam a sociedade e a escola ao trazerem essas temáticas para os espaços educacionais, sobretudo, escolas e universidades, engajando o público juvenil e adultos/as para discutir os machismos, os sexismos, os padrões hegemônicos de feminilidade e outros preconceitos. Nessa direção, este trabalho teve como questões norteadoras da pesquisa: Que discursos são (re)produzidos nas escolas acerca de feminismos, feminilidades, padrões de beleza e gordofobia? Como as desigualdades de gênero perpassam os muros das escolas e como estão presentes em distintos artefatos culturais e espaços sociais e educacionais? Assim, o principal objetivo foi analisar discursos sobre feminismos e feminilidades juvenis no contexto escolar do Cariri cearense, a partir da problematização de narrativas discentes desencadeadas pelo filme “Dumplin” (2018).

“Dumplin”⁶ é um filme norte-americano, lançado em 2018, na plataforma Netflix, com duração de 1 hora e 50 minutos, dirigido por Anne Fletcher e roteirizado por Kristin Hahn. Seu elenco foi composto por Jennifer Aniston (Rosie Dickson), Danielle Macdonald (Willowdean Dickson), Harold Perrineau (Lee Wayne), Odeya Rush (Ellen Dryver), Dove Cameron (Bekah Colter), Luke Benward (Bo) e Maddie Baillio (Millie). O filme foi classificado como gênero comédia/drama/musical e narra a história da jovem Willowdean Dickson/Wil (Danielle Macdonald), uma garota acima do peso e bastante confiante com seu próprio corpo, apesar da desaprovação de sua mãe, uma ex-miss que vive no mundo da moda e organiza concursos de beleza. Quando Willowdean se apaixona pelo atleta Bo (Luke Benward) começa a ter inseguranças, então, a jovem decide entrar em um concurso de beleza como forma de protesto.

A escolha desse filme justifica-se por constituir um artefato cultural potente ao abordar temáticas contemporâneas que precisam ser constantemente discutidas. Além disso, seu enredo, direcionado ao público juvenil, envolve cenas no espaço escolar, aproximando-se de situações vivenciadas por muitos/as jovens. O filme “Dumplin” possibilita problematizar assuntos como *bullying*,

⁴ Disponível em: <https://www.sspds.ce.gov.br/estatisticas-2/>. Acesso em 18 nov. 2020.

⁵ Bento (2016, p. 54) traz a noção de feminino abjeto, corpos “travestis, mulheres trans e mulheres transexuais, gays femininos e meninos femininos”, desvinculando-os dos corpos construídos como mulheres” e “sugere que o feminino é o lugar do abjeto, do impuro, contaminado e contaminável”.

⁶ Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80201490>. Acesso em 16 ago 2020.

padrões estereotipados de beleza, autoaceitação, amor-próprio, relações familiares e maternas, diferentes feminilidades, gordofobia, romance e Miss Teen⁷.

1. Gênero, feminismos e feminilidades: articulações com os Estudos Culturais

Existem várias vertentes teóricas no campo dos Estudos Culturais, destacamos duas como maior aproximação de nosso estudo, sendo os Estudos Culturais latino-americanos e os Estudos Culturais pós-estruturalistas. Os Estudos Culturais latino-americanos têm sido marcados por polêmicas de um campo contestado, mas também grandes avanços, sobretudo ao refletir sobre os distintos espaços educacionais como dimensões socioculturais e políticas. A América Latina representa uma subdivisão regional constituída por países, como o Brasil e a Argentina, com características econômicas e socioculturais semelhantes decorrentes de um passado histórico colonial.

Costa, Silveira e Sommer (2013, p. 10) destacam que os Estudos Culturais latino-americanos constituem um campo de estudos polifônico e multitemático envolvido na tradição crítica latino-americana. Nesse rumo, os Estudos Culturais latino-americanos se interessam por distintos “processos e artefatos culturais de seus povos, na cotidianidade das suas práticas de significação, na contemporaneidade de um tempo em que as fronteiras entre o global e o local se relativizam, se interpenetram e se modificam” (Costa; Silveira; Sommer, 2003, p. 48). Embora exista uma discussão envolvendo as questões dos Estudos Culturais latino-americanos, pós-colonialidade e a pós-modernidade, neste estudo, adotamos os Estudos Culturais na perspectiva pós-crítica, entendendo como um amplo campo de estudos relacionado com culturas, discursos e produção de significados. Nessa esteira teórica dialogaremos com autores/as como: Michel Foucault (1996, 2015), Guacira Lopes Louro (1997, 2000, 2017), Linda Nicholson (2000), Dagmar Meyer (2014), Tomaz Tadeu da Silva (2015), Margaret A. McLaren (2016), Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015), Dinah Beck e Bianca Guizzo (2013), entre outros/as.

Em uma entrevista, Connell enuncia o conhecimento, nas suas múltiplas áreas e dimensões, como algo (re)construído socioculturalmente na esfera mundial, portanto demanda uma análise histórica do colonialismo e a manutenção das desigualdades econômicas e de poder, visto que “à luz da autoridade cultural do Norte global você sequer precisaria usar o termo “Sul global” (Rodrigues; Andrade; Mano, 2015, p. 67). Desse modo, cabe explicar que:

As perspectivas pós-coloniais compartilham do caráter discursivo do social, do descentramento das narrativas e de sujeitos contemporâneos, do método da desconstrução dos essencialismos, e principalmente da proposta de uma epistemologia crítica às concepções dominantes da modernidade. O colonialismo refere-se à relação de opressões diversas, a partir de fronteiras de gênero, etnia ou raça (Stewart, 2017, p. 69).

Nesse sentido, Connell e Pearse (2015, p. 146) argumentam que “[...] Fazer e refazer o gênero é um processo entrelaçado com a produção da raça e as dinâmicas do capitalismo global”. Entretanto, as perspectivas pós-colonial e neocolonial ultrapassam críticas ao racismo e às análises de gênero, posto que é necessário reconhecer e aprender com as experiências de outros/as a partir de “uma perspectiva de viajante do mundo”. Desse modo, as representações de feminilidades e masculinidades veiculadas na mídia global (música, filmes, séries, moda...) refletem diferentes

⁷ Miss Teen é um concurso de beleza organizado para jovens entre 14 a 19 anos de idade em uma pequena cidade do Texas, nos Estados Unidos.

culturas que operam na (re)produção simbólica de gênero, logo para que novas conexões e práticas sejam (re)criadas são necessárias interações entre ordens locais e globais das relações de gênero (Connell; Pearse, 2015).

Aqui, entendemos os Estudos Culturais como um campo transdisciplinar, que instiga a incessante problematização de artefatos, saberes e práticas relacionados às culturas, como uma arena de produção de múltiplos significados em uma heterogeneidade discursiva. Levando em consideração saberes e práticas de diferentes grupos sociais, que lutam por uma sociedade democrática, justa e igualitária (Costa; Silveira; Sommer, 2003; Silva, 2015). Os Estudos Culturais aliados às teorias foucaultianas constituem potentes espaços para contestação de discursos marcados por relações de poder-saber, que reverberam em lutas contra as desigualdades sociais e de gênero.

Para Foucault (1996), os discursos que sustentam a seleção dos conhecimentos que constituem o currículo são estabelecidos a partir de um campo de ação para “governar sujeitos”. Em contraponto, os Estudos Culturais na educação possibilitam colocar sob questionamento o currículo “disciplinar”, “conteudista”, e ampliar a visão para além dos “muros da escola”. Englobando, também, as questões socioculturais, sobretudo ao envolver discussões sobre identidades e diferentes processos de constituir-se como sujeitos por meio da cultura. Nesse contexto, os Estudos Culturais em sua perspectiva pós-estruturalista instigam um olhar atento e problematizador acerca das relações de poder.

Para Meyer (2014, p. 51), “a teoria pós-estruturalista tem privilegiado o exame de processos educativos assistenciais e de artefatos culturais”, possibilitando questionar a linguagem para desconstruir aquilo que é tido como natural, assim atribuindo-lhes novos significados. Essa perspectiva teórica tem se mostrado bastante produtiva para provocar reflexões aos/às pesquisadores/as, deixar para trás “certezas absolutas”, apontando novas rotas e percursos sem a necessidade de uma resposta ou solução imediata (Beck; Guizzo, 2013).

Neste estudo, utilizamos artefatos culturais como instrumentos analítico-investigativos acerca de discursos referentes aos feminismos e às feminilidades no contexto escolar, em uma perspectiva pós-estruturalista. Podemos destacar as pedagogias culturais como uma ferramenta teórica produtiva que surgiu a partir da aproximação dos processos educacionais com a cultura, a política e o poder. Tais pedagogias promovem reflexões sobre as desigualdades e as distintas identidades, que aliadas às diferentes classes sociais são as que mais causam exclusão social e desigualdades de gênero disseminadas na sociedade (Andrade; Costa, 2015).

Dessa forma, o movimento feminista surge como um campo de estudos e teorias que incitam reflexões e críticas das condições impostas às mulheres na sociedade, contribuindo para as conquistas de direitos e espaço social. O feminismo, em suas múltiplas vertentes, de modo geral, pode ser entendido como um movimento que reivindica os direitos sociais e políticos das mulheres e surgiu com a intenção de romper o patriarcado (Oliveira; Cassab, 2014; Silva, 2008). Por outro lado, o machismo engloba atitudes e expressões que desrespeitam e inferiorizam as mulheres (e homens que se afastam do padrão hegemônico), enquanto o feminismo constitui um movimento social que luta pela igualdade/equidade de direitos entre os gêneros (Rosa; Felipe; Leguiça, 2019).

O conceito de gênero engloba múltiplas expressões de corpo e representações de masculinidades e feminilidades, que excedem os limites do sexo biológico e a noção de “papéis sexuais”. Nessa perspectiva, gênero pode ser compreendido como uma construção sociocultural em nossa constituição como homens e mulheres, englobando processos educativos que operam por meio de/ou se apoiam em distintas instituições, não necessariamente convergentes, harmoniosas e estáveis.

Consiste em um processo mutável e inacabado, passível de transformação ao longo da vida (Meyer, 2013; Nicholson, 2000; Scott, 1995).

Além de discutirmos sobre a dimensão de gênero, também é importante entender a sexualidade. Para Louro (1997), a sexualidade abrange distintas dimensões, tais como desejos, pensamentos, valores, comportamentos, experiências, representações de linguagens e identidades, construídas socioculturalmente ao longo da vida dos sujeitos. Partindo desse pressuposto, não existe uma definição única nem um padrão para a sexualidade humana, visto que resulta de uma construção histórica e sociocultural, não sendo algo dado, e, portanto, é inacabada, pois é passível de transformações.

Em “História da Sexualidade I”, Foucault (2015) argumenta que, ao longo do século XIX, a sexualidade humana estava diretamente vinculada aos discursos fisiológicos e anatômicos, limitada à dimensão sexual e reprodutiva, inscrita em dois campos do saber: Biologia e Medicina. Ou seja, a sexualidade seria resumida ao sexo, deixando-se de lado suas dimensões culturais, portanto, os saberes biológicos e médicos alicerçaram o que Foucault chamou de “dispositivo de sexualidade”. Nesse sentido, para Foucault (2015, p. 116) “[...] o dispositivo de sexualidade funciona como técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder”. Esse dispositivo opera como mecanismo de controle da população, dos corpos e das subjetividades, a partir de técnicas de disciplinamento que regulam e prescrevem padrões para vivenciar os prazeres e os desejos sexuais (Foucault, 2015).

É importante destacar as dimensões de gênero nos processos de constituição das masculinidades e feminilidades (re)produzidas na e pela cultura. Embora não exista uma única definição para feminilidades e, justamente por isso, escrevemos a palavra no plural. Neste estudo, assumimos essa categoria como as múltiplas formas de “tornar-se mulher”, abrangendo distintas identidades/diferenças, dimensões e marcadores sociais além de gênero, tais como sexualidade, raça/etnia, classe e geração. Dornelles (2007) aponta que as masculinidades também pressupõem formas plurais de “tornar-se homem”, envolvendo distintas dimensões, instituições sociais, comportamentos, emoções, posto que não são polos fixos nem imutáveis, mas provisórios e passíveis de transformações.

Além disso, também são (re)produzidos padrões sociais e estéticos em torno dos corpos, principalmente femininos, os estereótipos de gênero. Nesse contexto, a gordofobia surge como uma forma de discriminação disseminada nos mais variados espaços socioculturais, como a mídia, constituindo signos que veiculam significados negativos a pessoas gordas, afetando principalmente as mulheres em distintas esferas socioeducativas (Souza; Gonçalves, 2021). A escola como um lugar de formação humana pode tornar-se um espaço potente para aprendizados sobre feminilidades, masculinidades, sexualidades, pluralidade e diversidade de corpos, que permitam uma ruptura de estereótipos de gênero e dicotomias. Contudo, embora essas temáticas estejam presentes nos espaços escolares, de forma direta ou indireta, ainda se encontram distantes de um planejamento curricular e das práticas de ensino e aprendizagem.

2. Modos de fazer a pesquisa de campo

Este estudo trata-se do recorte de uma pesquisa qualitativa, realizada em três escolas da educação básica de ensino do município X, que objetivou analisar as narrativas de jovens/mulheres estudantes acerca de feminismos e feminilidades no contexto escolar. Os procedimentos investigativos envolveram a realização de três entrevistas coletivas com sete jovens mulheres, estudantes de escolas públicas do Ensino Médio. Adotamos entrevistas semiestruturadas para melhor compreender as narrativas das participantes sobre feminismos e feminilidades no contexto escolar. Para

Ribeiro e Ávila (2013, p. 72), narrativas podem ser entendidas “como práticas sociais que constituem os sujeitos”, os relatos das histórias refletem os modos de construção de si mesmos/as, a partir de enunciados que constituem uma pluralidade de discursos.

Tendo como metodologia a investigação narrativa e como ferramenta a produção de entrevista coletiva em grupo, realizada de forma virtual por meio da plataforma digital Google Meet, devido ao cenário de distanciamento social ocasionado pela pandemia da Covid-19. Flick (2009) destaca que a técnica de entrevista online é uma forma de adaptação das entrevistas convencionais podendo ser organizada de forma “síncrona” ou “assíncrona” e, no caso deste trabalho, foram síncronas, ou seja, online em tempo real e coletivas.

Nessa perspectiva, as entrevistas coletivas facilitam as interações entre os/as participantes e permitem capturar um leque de enunciados e práticas discursivas, a partir de contradições e opiniões distintas. Nosso foco principal consiste em observar divergências e convergências acerca das narrativas e vivências estudantis sobre feminismos e feminilidades no contexto escolar. Neste artigo, analisaremos somente a segunda entrevista coletiva para a problematização do filme “Dumplin” (2018) relacionando com o objeto de estudo. O encontro virtual teve duração aproximada de 1 hora e 42 minutos. Previamente, via grupo no WhatsApp, foram passadas as informações sobre as etapas da pesquisa e combinados com as participantes, sendo solicitado que assistissem o filme para a discussão no segundo encontro coletivo. Assim, as entrevistas coletivas semiestruturadas ocorreram com base nas perguntas gerais sobre as temáticas gênero, feminismos, machismos, feminilidades, masculinidades e gordofobia no contexto escolar, sendo as sessões gravadas e posteriormente transcritas.

O filme “Dumplin” tece uma crítica aos estereótipos, ao *bullying* e aos padrões de beleza reiterados pelo patriarcado, que propagam inseguranças, sofrimentos com o corpo gordo, por não se enquadrar nos padrões estéticos. Por outro lado, o longa-metragem exibe uma multiplicidade de identidades/diferenças femininas, instigando a (auto)aceitação, o reconhecimento e a desconstrução de padrões sociais ao retratar a vida de uma jovem que luta contra o *bullying* e a gordofobia. A garota, Wil, passou a maior parte da sua vida sendo criada por sua tia Lucy (Hilliary Begley), que estimulava a sobrinha sobre autoaceitação, por também ser uma mulher gorda. Lucy lhe apresentou sua melhor amiga Elen (Odeya Rush), que, ao contrário de Wil, se encaixava nos padrões normativos hegemônicos de beleza. Wil trabalha em um restaurante *fast food*, onde inicia um romance com outro funcionário, mas a garota se julga incapaz de viver o romance por estar acima do peso. Segundo ela, garotos como o Bo (Luke Benward) não se interessariam por uma garota “gordinha” como ela. A jovem sofre *bullying* tanto na escola quanto por parte da sua mãe Rosie (Jennifer Aniston), que a chama pelo apelido “fofinha”, reiterando de uma forma velada a gordofobia e a não aceitação da filha por quebrar os padrões socioculturais idealizados de beleza.

Como procedimento analítico adotamos a análise foucaultiana do discurso para problematizar de que modos os feminismos e as feminilidades são (des)construídos no contexto escolar e que discursos são (re)produzidos nesse espaço educacional a partir da problematização de narrativas discentes em relação ao filme “Dumplin” como artefato cultural. Foucault (1996, p. 135) enfatiza “o discurso como um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva”. Vale ressaltar que, os enunciados, nesse sentido, não são só as “coisas”, mas também os próprios acontecimentos. A análise do enunciado instiga um olhar investigativo e dialogado para pensar as condições de existências e problematizar a materialidade e os efeitos de “verdades” que compõem os discursos produzidos por meio de vivências do cotidiano (Silveira, 2007).

Ademais, salientamos que tal recorte analítico decorre de uma pesquisa mais abrangente⁸, aprovada pelo Comitê de Ética/CEP, que atendeu todos os procedimentos éticos, desde a escolha do objeto de estudo até a elaboração e a organização do estudo. Foram usados nomes fictícios para todas as participantes e cada uma assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o familiar responsável autorizou a participação por meio da assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), concordando com a participação voluntária na pesquisa.

No quadro 1, apresentamos o perfil sociodemográfico das participantes com seus respectivos nomes fictícios, utilizados para assegurar o sigilo sobre toda e qualquer informação, destacamos as identidades sexuais e de gênero autodeclaradas, faixa etária e religião.

Quadro 1- Perfil das participantes das entrevistas coletivas

NOME	IDENTIDADE DE GÊNERO	IDENTIDADE SEXUAL	IDADE	RELIGIÃO
Melissa	Feminino	Heterossexual	17 anos	Católica
Laura	Feminino	Heterossexual	17 anos	Católica
Kely	Feminino	Heterossexual	18 anos	Evangélica
Pérola	Feminino	Heterossexual	17 anos	Evangélica
Eva	Feminino	Heterossexual	17 anos	Católica
Bianca	Feminino	Heterossexual	17 anos	Católica
Lorena	Feminino	Bissexual	18 anos	Ateia

Fonte: Entrevista coletiva realizada pela coautora da pesquisa.

Dessa forma, o grupo participante foi composto por alunas de três escolas: sendo uma profissional que funciona em tempo integral, uma do ensino regular e outra da Educação Jovens e Adultos (EJA), todas ofertam o Ensino Médio, mas com distintas modalidades de ensino. Essa escolha de discentes de diferentes modalidades de ensino justifica-se pela dificuldade de contato e disponibilidade de algumas participantes para realizar a pesquisa, sobretudo devido ao contexto pandêmico vigente na época. Assim, a fim de capturar os enunciados e seus múltiplos significados, tal estudo buscou problematizar discursos sobre gênero, feminismos e feminilidades a partir das narrativas de jovens/mulheres estudantes.

3. Representações de gênero no filme “Dumplin’”: problematizações e (des)construções a partir de narrativas estudantis

As representações de gênero presentes nas cenas do filme “Dumplin’” nos provocam questionamentos e problematizações acerca de feminismos, feminilidades e o processo de construção das identidades/diferenças, envolvendo questões de exclusões e preconceitos como a gordofobia. Desse modo, capturamos os principais enunciados das falas que serão expostas. Serão analisadas as respostas das jovens entrevistadas sobre as cenas que tenham relação com feminismos e feminilidades.

⁸ “Educação Sexual, sexualidade e gênero na escola em uma perspectiva sociocultural” aprovada pelo CEP da instituição proponente, cujo CAAE é 21861219 0 0000 5698 com número de parecer 3.672.498.

Quadro 2 - Cena do filme que mais chamou atenção e tenha relação com feminismos e feminilidades

Pérola: [...] quando as meninas se inscreveram no concurso. Pelo fato delas serem diferentes, cada uma ser mulher de sua maneira.

Laura: Eu gostei muito da parte que Mily ganhou o concurso, eu achei muito emocionante por ela ter conseguido [...] porque ela sempre teve esse sonho desde criança em participar desse concurso, só que por causa dos “padrões” ela não participava dos concursos.

Melissa: A parte em que o menino fala que gosta dela. Porque ela se questiona sobre o corpo, quando diz “você gosta disso?” Fica se perguntando por que ele gostaria dela, ela sendo “daquele jeito” [...].

Lorena: Eu vi mais destaque na relação dela com a mãe. Porque em casa ela sofria bastante, a mãe dela costurava vários vestidos lindos e todos eram para pessoas super magras, como se mãe dela tivesse que estar sempre “naquele ponto certo” e ela se sentia meio que deslocada do que a mãe fazia e tal... E a mãe sempre cobrando, sempre falando pra ela se vestir nos padrões [...] Até o apelido que a mãe colocou nela, “fofinha”, ela não gostava porque relacionava esse apelido com pessoas gordas, aí ela se sentiu ofendida [...] Acabou sofrendo um pouco na escola, sempre teve muito *bullying*.

Kely: A parte que as pessoas não aceitavam o estilo de vida dela, o conforto que ela sentia com o corpo, do jeito que ela estava, estava tudo bem. Só que tinham muitas pessoas que ficavam julgando-a, por ser mais gordinha, por não estar em forma, por ela não ser “bem feita de corpo” isso magoou muito ela [...] porque é um padrão que a sociedade não gosta, quer dizer “não gosta da forma que a gente gosta”.

Bianca: Só pelo fato das meninas que estão “fora dos padrões” participarem do filme já foi uma causa feminista. O fato de não se importarem com olhares dos demais, principalmente dos meninos, já que no meio deles o preconceito é bem maior.

Eva: Quando ela encontra o papel da tia que ia se inscrever no concurso, e vê que a tia desistiu pelo fato das meninas que se inscreviam no concurso serem magras, e a tia era mais gordinha. Então, ela entra no concurso pra homenagear a tia e afrontar a mãe, mas ela não esperava que o concurso fosse tomar tal proporção; que inspirava outras meninas. E a relação dessa cena com o feminismo é a parte da autoaceitação, porque a gente vê que tem muitas meninas que não se aceitam ou são julgadas por serem mais gordinhas [...].

Fonte: Elaborado pela coautora a partir da entrevista coletiva em 18/09/2020.

Ao relacionar o filme com feminismos e feminilidades, as falas de Pérola e Bianca convergem, respectivamente, quando ressaltam a inclusão das múltiplas feminilidades e a quebra dos padrões ao destacarem a participação das quatro meninas no concurso “pelo fato de serem diferentes, cada uma ser mulher de sua maneira”; “Só pelo fato das meninas que estão “fora dos padrões” participarem do filme já foi uma causa feminista”, sinalizando a desconstrução da “feminilidade hegemônica”, ampliando um leque de possibilidades de expressar e vivenciar as múltiplas feminilidades, representando o feminismo pós-moderno, quando problematiza o conceito de identidade singular e questiona as normas tradicionais. Vale ressaltar que, embora o feminismo tenha várias vertentes, todas reconhecem a opressão estrutural que afeta a vida de muitas mulheres, e, independentemente de suas particularidades, têm em comum a luta e o compromisso com a inclusão, a igualdade e a equidade de gênero (McLaren, 2016).

Apesar de diferentes vertentes do feminismo convergirem na luta pela liberdade e independência das mulheres, é importante salientar as peculiaridades do feminismo negro, sobretudo nos países africanos, o que levou ao conceito de “*Womanism*” da nigeriana Chikwenye Okonjo Ogunyemi. Para reforçar que movimentos feministas “devem ser postos em prática de formas diferentes no Norte branco e Sul negro global. Isso se dá porque o “*Womanism*” é uma forma de Feminismo que supera questões de gênero, adentrando no âmbito das questões de raça e classe social” (Stewart, 2017, p. 80). Aqui no Brasil, o feminismo negro vem conquistando maior visibilidade em diferentes artefatos culturais midiáticos, como redes sociais, filmes e novelas, a partir de distintas pesquisadoras feministas como Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez e Djamilá Ribeiro. Nesse filme norte-americano “*Dumplin*”, as personagens principais são brancas e a representatividade étnico-racial não

foi destaque, o que demanda problematizações e questionamentos acerca do preconceito e da invisibilização das mulheres negras.

Quando a participante Bianca ressalta o fato de não se “importarem com olhares dos demais, principalmente dos meninos, já que no meio deles o preconceito é bem maior”, ao se referir às garotas obesas, vale problematizar a questão do preconceito, nesse caso, especificamente a gordofobia. Nesse sentido, a gordofobia pode ser nomeada como preconceito, discriminação e aversão ao corpo gordo, causando impacto negativo diretamente na vida de pessoas obesas, tendo como alvo principal as mulheres em nossa sociedade (Loureiro, 2017; Silva, 2017). McLaren (2016) acrescenta que as mulheres estão sujeitas às práticas disciplinares associadas à “feminilidade normativa”, que tentam regulá-las por meio do controle do peso, cirurgias plásticas e uso de maquiagem, por exemplo. A autora ainda ressalta que esses estereótipos estéticos, que focam no “embelezamento feminino”, advêm de um contexto patriarcal e são amplamente (re)produzidos na sociedade.

O “mito da beleza” dissemina histórica e socioculturalmente a ideia arbitrária de que a beleza seria objetiva e universal, e as mulheres deveriam encarnar tal padrão estético ideal para atraírem os homens (isentos de tal obrigação estética) e, portanto, heteronormativo. Entretanto, a beleza constitui um sistema monetário determinado pela política e por relações de poder, isto é, um conjunto de crenças que atribui valores às mulheres de acordo com um padrão físico imposto socioculturalmente para manter o domínio masculino, além da submissão e da competição femininas (Wolf, 2020).

O *bullying* e a gordofobia são temas centrais apresentados nas cenas do filme, sendo marcantes nas falas das participantes, a partir das provocações que as cenas do filme lhes causaram. Nessa perspectiva, as falas de Lorena e Laura convergem em suas narrativas ao criticarem os padrões normativos e a gordofobia. Lorena enuncia: “em casa ela sofria bastante porque a mãe dela costurava vários vestidos lindos e todos eram para pessoas super magras”, “a mãe dela... sempre falando pra ela se vestir nos padrões”, “Até o apelido que a mãe colocou nela de fofinha”, “Acabou sofrendo um pouco na escola, ela sempre teve muito *bullying*”. Destacando a desaprovação que a mãe tinha com o corpo da filha, mesmo que de forma velada. A mãe reitera preconceitos a partir de uma incessante cobrança, insatisfação e incômodo com a aparência da garota por não se encaixar nos padrões estéticos e não se interessar em seguir a carreira de *miss*, apesar da jovem se sentir confortável com seu corpo. Tais atitudes da mãe acabavam afetando sua autoestima, representando uma situação vivenciada por muitas pessoas obesas. Para Silva (2017), o preconceito com a obesidade é uma construção sociocultural, pois “ser gordo/a” tem sido foco de julgamentos ao longo da história.

O *bullying* sempre esteve presente na vida da personagem tanto por parte da sua mãe, quando lhe apelidava de “fofinha”, como no ambiente escolar. Tais fatos impulsionaram a garota a decidir participar do concurso como forma de protestar contra a gordofobia. Esse apelido “fofinha” faz alusão ao título do filme “Dumplin’”, que na tradução literal significa “bolinho”, pois ambos remetem a pessoas gordas, que são moralmente julgadas e rejeitadas socialmente, ainda que de modo sutil por meio de apelidos pejorativos, mas que são considerados “carinhosos e/ou engraçados”. O preconceito sutil se apresenta de uma forma mais silenciada, velada ou disfarçada, expresso por meio de opiniões contrárias acerca de determinados grupos, sujeitos e/ou assuntos (Lima; Vala, 2004). Reinert (2017) conceitua *bullying* como toda e qualquer atitude agressiva (em geral, psicológica e/ou verbal), que cause dor e angústia, constituída por relações de poder e que atua na (re)produção de estereótipos e desigualdades. Para a autora, a escola é um dos espaços em que mais ocorrem esses tipos de conflitos por ser o palco de (des)encontro das diferenças.

Laura destaca que a cena que lhe chamou atenção foi “quando Mily ganhou o concurso [...] porque ela sempre teve esse sonho desde criança em participar desse concurso, só que por causa dos “padrões” ela não participava dos concursos”. Esse enunciado nos mostra dois aspectos importantes. Por um lado, a questão dos padrões normativos que limitam a vida de pessoas obesas, contribuindo para a disseminação de preconceitos como a gordofobia, que consiste na desvalorização de pessoas gordas, constituindo uma discriminação a partir das relações de poder em vários contextos socioculturais (Arraes, 2014). Por outro, mostra a possibilidade de romper normas, quando as meninas desafiam a todos/as embarcando no concurso de *miss*, independentemente de serem rotuladas como “gordas”. Para elas, um corpo gordo não limita a capacidade de participar de um concurso e/ou de qualquer outra atividade. Dessa forma, vislumbraram no concurso uma oportunidade de protestar e desconstruir preconceitos, dando visibilidade a corpos com identidades/diferenças destoantes dos padrões hegemônicos, que sofrem exclusões nas passarelas, um dos locais que mais (re)produzem representações estereotipadas de “corpo ideal”.

O filme também aborda a questão da (auto)aceitação, como denotam as participantes Kely e Eva quando enunciam: “as pessoas não aceitavam o estilo de vida dela, o conforto que ela sentia com o corpo [...] ficavam julgando-a, por ser mais gordinha, por não estar em forma, não ser “bem feita de corpo”; “a gente vê que tem muitas meninas que não se aceitam ou são julgadas por serem mais gordinhas”. Tais enunciados evidenciam o sofrimento e o constrangimento vivenciados diariamente por pessoas gordas, pois costumam ser julgadas e excluídas, principalmente na escola por destoarem dos “padrões ideais” impostos pela sociedade. Ser gordo/a representa um peso que vai além do seu corpo, visto que, além de todo processo de (auto)aceitação, existe o assujeitamento a uma gordofobia, que vai desde olhares externos tortos, julgamentos, críticas e exclusões que geram inúmeros conflitos e inseguranças (Naumi; Sudo; Sudo, 2004).

Contudo, cabe questionar o que significa “bem feita de corpo”? Por que diferentes artefatos culturais e espaços sociais veiculam uma “boa forma feminina” a ser alcançada e desconsideram a diversidade de corpos com belezas naturais? Embora seja uma resposta complexa, Wolf (2020, p.80) questiona: “Quanto nós valemos? [...] O mito da beleza gera nas mulheres uma redução do amor-próprio, com o resultado de altos lucros para as empresas.” Entretanto, a autora critica que a aparência dos homens é avaliada de forma diferente, como se valessem mais sem precisar se esforçar tanto, o que evidencia as relações de poder e outras questões socioculturais envolvidas no “mito da beleza”.

A perspectiva pós-colonial possibilita a visibilização das vozes marginalizadas do Sul global ao chamar atenção para as intersecções de raça-etnia, classe, sexualidade e gênero na construção sociocultural de assimetrias nas relações de poder alicerçadas em oposições binárias Ocidente/não Ocidente, civilizado/incivilizado, homem/mulher, branco/negro, cis/trans, heterossexual/homossexual, entre outras (Barasuol; Cerioli; Kalil, 2022). Seguindo o raciocínio de Foucault (2015), a dimensão da sexualidade e do corpo costuma ser normatizada, portanto pessoas gordas LGB-TQIA⁹ são vistas como “anormais”, sendo alvo de preconceitos e exclusões por desviarem das normas sociais regulatórias. Desse modo, torna-se importante desconstruir padrões e binarismos que disseminam preconceitos sexuais, de gênero e estéticos.

O filme também faz uma crítica ao heteropatriarcado, quando as garotas usam o concurso como uma forma de protesto e militância ao dar um grito de guerra contra o machismo estrutural, que

⁹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queer, Intersex, Agêneros e mais.

oprime e apaga a vida de milhares de mulheres. Nesse contexto, o heteropatriarcado pode ser entendido como um sistema de opressão e conflitos relacionados à sexualidade, ocasionando desigualdades de gênero que privilegia e hierarquiza o homem branco e heterossexual constituindo relações de poder, que estabelecem posições desiguais entre homens e mulheres (Pessoa, 2021).

Quadro 3 – Narrativas sobre a compreensão do termo patriarcado e sua relação com o feminismo

Ao chegar o dia da apresentação do ensaio uma das “garotas esquisitas” na sua apresentação é reprovada por apresentar sua ideia revolucionária “hu hu há há, o patriarcado não passará!”. O que vocês entendem sobre esse termo patriarcado? Qual a relação com o feminismo?

Pérola: Eu acho que tem mais a ver com a “dominação masculina!” [...] é algo relacionado com a sociedade dominada por homens, onde os homens ditam as regras [...].

Lorena: Na forma dos homens dominarem as posições de liderança, seja na casa onde o pai é quem dita as regras, até funções políticas e vários empregos, esse tipo de coisa. Eu acho que, patriarcado, eu definiria como um “mundo feito aos olhos dos homens”, as regras feitas aos olhos do homem [...] é a forma de colocar as mulheres em posições inferiores na vida. Eu acredito muito que isso tenha vindo do olhar do homem, que acabou impondo na sociedade e todo mundo começou a seguir isso [...].

Melissa: Os homens têm mais privilégio [...] tem uns que falam “ah, tu és mulher, tu não vais conseguir fazer isso” [...] “mas, se fosse pra ser pedreiro vocês iam conseguir carregar sacos de cimentos e fazer todo trabalho pesado? [...] tem muito de impor que os homens são mais fortes do que as mulheres.

Pérola: *É como se os meninos relacionassem nossa capacidade à questão de força [...].*

Melissa: Tem vezes que você está cozinhando e, geralmente, chegam pessoas mais velhas e dizem “essa já está boa de casar”, como se a mulher fosse obrigada a cozinhar para os homens.

Lorena: E tem aquelas frases que diminuem muito a mulher, “ah você está parecendo uma mulherzinha”, se um homem grita “parece uma mulherzinha”, se o homem chora “parece uma mulherzinha”. Tem todas essas questões “lugar de mulher é na cozinha”, eu fico extremamente irritada com essas frases! A questão de o homem imaginar a mulher como “ser frágil” não consegue associar a mulher com força. [...] e a maioria dos homens acaba achando que toda mulher é frágil, como se a gente fosse incapaz de fazer tais coisas [...].

Laura: Está muito presente na sociedade, a mulher ser tratada com inferioridade, ser mais fraca e não tem tanta capacidade.

Mediadora: Vocês poderiam comentar a seguinte cena “é uma revolta contra o heteropatriarcado

que foi inconscientemente internalizado na mente humana”.

Pérola: “Ela quis falar que o padrão que a sociedade impõe, não é bem as mulheres que colocam na sua mente, é como se o homem influenciasse isso! [...] Achei bem interessante ela levar o protesto para as passarelas, porque geralmente, nas passarelas, é onde você vai ver aquele padrão, aquele corpo que as pessoas julgam ser ideal, o cabelo ideal, a forma que as pessoas julgam que as mulheres devem de ser. Então, lá elas podem falar que todas as mulheres independente de corpo e cabelo, de qualquer coisa, poderiam participar, não era uma coisa restrita a quem seguia o padrão.

Lorena: Pelo menos, desde quando eu já nasci já existia esse padrão, que mulher e homem são gêneros totalmente diferentes um do outro, que a mulher tem que ter a característica de “boa moça”, “ser bem educada”, “se vestir bem”, a mulher tem que seguir todas as regras que colocaram, como ter um padrão de corpo X, se comportar de tal maneira [...].

Lorena: [...] Assim, no início do filme quando elas começaram a planejar como executar esse protesto, eu imaginava que era de outra forma, não desfilando [...] eu imaginei que fosse de uma forma escandalosa, e o protesto dela foi mostrando que ela era capaz de fazer o que ela quisesse.

Laura: [...] essa parte que ela falou tipo, em “criaram esses padrões”, eu acho que não foi uma mulher que foi lá e criou esse padrão, basicamente foi o homem que foi lá e criou o padrão.

Fonte: Elaborado pela coautora a partir da entrevista coletiva em 18/09/2020.

Ao relacionar as cenas do filme com o conceito de patriarcado, as falas das participantes Lorena e Pérola convergem ao destacar os termos “privilégio”, “dominação masculina”, “posições de liderança”, “o homem dita as regras”, “um mundo feito aos olhos do homem”, em consonância com a ideia de que o patriarcado é a “regra do pai”, evidenciando um dos marcadores socioculturais nessa

região do Cariri cearense, em que o machismo estrutural prevalece enraizado. Marques e Guerra (2009, p. 01) definem o patriarcado como um “sistema de organização social, no qual as relações entre o masculino e o feminino apresentam-se de forma hierarquizada e desigual resultando na opressão e exploração das mulheres”.

Cabe problematizar o termo “dominação masculina” destacado na fala da participante, que, segundo Bourdieu (2003), é considerado sinônimo de patriarcado. Para o autor, a “dominação masculina” constitui um “sistema de violências simbólicas, violência suave, insensível, e invisível às suas próprias vítimas, que se exerce puramente pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento” (Bourdieu, 1998, p. 12). Desse modo, a dominação masculina impõe e legitima o masculino subordinando o feminino, criando um jogo de relações de poder que contribui para a “domesticação dos dominados”.

Contudo, é imprescindível destacar os avanços para a equidade de gênero e as conquistas feministas como forma de resistência, como, por exemplo, o direito ao voto, à educação, à proteção em casos de violência doméstica, a aprovação da lei Maria da Penha, a conquista aos direitos reprodutivos e a autonomia sobre seus corpos. No entanto, embora as lutas feministas tenham possibilitado o avanço das conquistas das mulheres, a “cultura patriarcal” ainda prevalece na sociedade contemporânea, marcando presença nos espaços educacionais. Fernandes e Mota (2008, p. 01) ressaltam que as discussões de gênero, feminismos e feminilidades precisam estar presentes nas escolas e em toda a sociedade para mobilizar e desfazer valores e práticas sexistas que dão suporte a essa dominação masculina e, assim, desestabilizar o patriarcado, construindo um mundo menos desigual.

Em países latino-americanos, como o Brasil, práticas socioculturais alicerçadas em um padrão cisheteropatriarcal foram naturalizadas historicamente em decorrência da dominação colonial. Assim, relações de poder que hierarquizam e invisibilizam identidades e diferenças destoantes desse padrão marcam as dimensões de gênero e de sexualidade. Inclusive, no movimento feminista ocidental dominante, algumas vozes de mulheres (negras e trans) costumam ser invisibilizadas, em contraponto urge a descolonização e a democratização dos feminismos, que visam (re)criar alianças locais e globais, sobretudo para apoiar as lutas de mulheres e homens de diferentes comunidades de norte a sul do mundo (Stewart, 2017).

Além de o filme trazer uma crítica à questão do patriarcado, também chamou atenção durante as entrevistas quando as participantes questionam a ideia arbitrária de força como sinônimo de capacidade, como justificativa para uma suposta “fragilidade da mulher”, colocando-a em posições de inferioridade. Os ditos de Melissa, Pérola e Laura convergem quando enunciam: “se fosse pra ser pedreiro vocês iam conseguir carregar sacos de cimentos e fazer todo trabalho pesado?”; “eles têm muito disso, de impor que os homens são mais fortes”, “está muito presente na sociedade, a mulher ser tratada com inferioridade, são mais fracas e não tem tanta capacidade”. Tais enunciados representam uma suposta virilidade masculina, que reforça as desigualdades de gênero, sem levar em conta os avanços científico-tecnológicos que modificaram formas de trabalho, que já não utilizam apenas a força física. Para Bourdieu (2003, p. 92) “a virilidade é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos homens para os homens contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo”. Nesse sentido, o autor nos instiga a problematizar tal conceito quando questiona: “o que é a virilidade senão uma feminilidade?” (Bourdieu, 2003 p. 106).

Vale enfatizar que somos submetidos/as à normatividade, que padroniza o universo masculino como hegemônico, regulando a maneira como nos comportamos. Nesse rumo, o filme “Dum-

plin” sinaliza a desconstrução dessas normas regulatórias que regem socioculturalmente comportamentos e binarismos naturalizados, regulando modos de ser menina/ser menino, sobretudo ao vigiar corpos, comportamentos, vestimentas, constituindo o processo de construção de identidades/diferenças por meio de vigilâncias e desigualdades de gênero como resquícios do patriarcado.

Em “História da Sexualidade I”, Foucault discute sobre o conceito de biopolítica para problematizar as vigilâncias e normas regulatórias que incidem sobre os corpos dos indivíduos em população. Nesse sentido, Foucault (2015) entende biopolítica como um mecanismo, que, a partir do século XVIII, tentou racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios a um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças...

Nesse contexto, “ser mulher” na sociedade, por vezes, significa se assujeitar a práticas machistas que costumam se manifestar de forma velada por meio de piadas e/ou expressões jocosas, conforme Melissa e Lorena, quando ambas criticam termos pejorativos comuns do cotidiano, que enaltecem o homem e diminuem a mulher ao enunciarem: “Tem vezes que você está cozinhando e, geralmente, chegam pessoas mais velhas e dizem: “essa já está boa de casar”, como se a mulher fosse obrigada a cozinhar para os homens”. Leia-se “bela, recatada e do lar”, enunciado que costuma ser muito repetido no cotidiano de muitas jovens, reforçando o pensamento essencialista de que as mulheres seriam designadas ao casamento e à maternidade, enquanto a vida pública e o trabalho seriam o destino dos homens.

Em contrapartida, os feminismos ampliam as possibilidades, escolhas e liberdades das mulheres, desconstruindo essa relação direta com a maternidade e o espaço doméstico. Dávila (2019, p. 26) nos lembra de que o feminismo “é também, liberdade de existirmos neste mundo e sermos felizes sem nos tornarmos mães, sobre pararem de vender a ideia de plenitude e vitória vinculada à maternidade e ao casamento”. Desse modo, torna-se necessário desnaturalizar a ideia que a mulher só “serve para o mundo, se exercer a maternidade”.

Nesse contexto, a participante Lorena ainda complementa “*ah você está parecendo uma mulherzinha*”, “*se o homem chora parece uma mulherzinha*”, “*lugar de mulher é na cozinha*”, “*imaginar a mulher como “ser frágil*, reforçando a ideia machista construída socioculturalmente, da mulher vista como “sexo frágil”. É muito comum nos depararmos com esses enunciados repetidos e naturalizados no cotidiano e nas redes sociais. O complemento de tais enunciados vem acompanhado de opiniões machistas na tentativa de manter o patriarcado e diminuir as mulheres nos diferentes espaços sociais, principalmente nas escolas. Louro (2017, p. 67) nos alerta que termos como “viado”, “criolo”, “bicha”, “sapatão” e, acrescentamos, “maricas”, “mulherzinha”, entre outros, não são expressões inocentes, visto que produzem efeitos e machucam, deixando marcas profundas na vida dos sujeitos. Bento (2016) complementa que a aproximação do universo feminino (por travestis, mulheres transexuais, gays femininos e meninos afeminados) leva à percepção do feminino como abjeto, inferiorizado. Desse modo, Dávila (2019, p. 68) questiona: “Você deixou de achar graça de alguma piada porque se colocou no lugar daquela mulher?”.

Ao comentarem a cena do filme sobre a “revolta do heteropatriarcado”, as falas das participantes Pérola, Lorena e Melissa convergem quando destacam “*padrões impostos*”, “*características de boa moça*”, “*ser bem educada*”, “*bem comportada*”, “*ter o corpo ideal*”, “*corpo perfeito*”, tais enunciados representam uma feminilidade hegemônica imposta aos padrões normativos. O corpo feminino passa incessantemente por olhares e julgamentos negativos, assujeitando as mulheres a experi-

mentar a distância do “corpo real” e o “corpo ideal”, além de restringir e vigiar o comportamento feminino ditando maneiras e regras para “ser feminina” (Bourdieu, 2003).

Nessa direção, a cena do filme em que as mulheres usam o desfile para fazer um protesto problematiza o padrão hegemônico de feminilidade, buscando liberdade de vivenciar as múltiplas feminilidades, mostrando que é possível ser feliz e se aceitar sem se enquadrar em padrões normativos. Quando Lorena ressalta: “Eu imaginei que o protesto fosse de uma forma escandalosa e o protesto dela foi mostrando que ela era capaz de fazer o que ela quisesse”, sinaliza que as representações acerca dos movimentos feministas são marcadas por pré-julgamentos e pela ideia de radicalismo. Entretanto, os feminismos constituem uma incessante luta pela equidade e diversidade de feminilidades (e também masculinidades), desconstruindo tabus de um “corpo ideal”, que reforçam a dominação masculina ao atribuírem uma imagem da mulher como objeto simbólico, a partir de uma noção equivocada de “ser feminina”, com adjetivos como atraentes, sorridentes, atenciosas e discretas. Assim, a feminilidade constituiria um corpo sexualizado (Bourdieu, 2003).

Esse filme incentiva a desconstrução do patriarcado e dos padrões normativos quando as participantes Pérola e Melissa relacionam o desfile como protesto ao destacarem que: “ela quis dizer que com o protesto não se deve impor padrões, tipo ter um corpo perfeito para a sociedade”; “Achei bem interessante ela levar o protesto para as passarelas, porque geralmente nas passarelas é onde você vai ver aquele padrão, aquele corpo que as pessoas julgam ser ideal, a forma que as pessoas julgam que as mulheres devem ser”. Os desfiles deixam marcas culturais e reflexos na sociedade, pois as passarelas influenciam a vida de muitas pessoas, visto que a subordinação dos “corpos ideais” reafirma que vivemos em uma era que tenta impor aos corpos parâmetros e molduras, que passam a ser o objetivo dos/as jovens que buscam a todo custo alcançar o “sonhado” corpo escultural estampado nas passarelas, nas mídias televisivas e nas redes sociais, constituindo um corpo “biocultural” (Sanches, 2009).

Por outro lado, embora o corpo magro continue sendo o foco de influência nas passarelas, os concursos de *miss* começaram a incluir e dar visibilidade a uma diversidade de corpos, possibilitando o reconhecimento de múltiplas feminilidades. Cabe destacar o Miss Ceará 2018¹⁰, que incluiu a categoria *plus size* como uma modalidade do desfile, atingindo uma marca histórica, que além de representar e enaltecer a beleza da mulher gorda, resgata a autoestima e o respeito, reconhecendo as diferenças e abrindo espaço para a diversidade e a desconstrução de preconceitos. Entretanto, torna-se importante problematizar as representações estereotipadas acerca dos corpos e identidades femininas que, histórica e socioculturalmente, constituem os concursos de *miss*, assim como a inclusão da categoria *plus size*, uma vez que, de modo sutil ou manifesto, ainda ditam padrões estéticos que categorizam e excluem distintos corpos, feminilidades e identidades/diferenças. Além disso, ainda que essa categoria seja incluída, pode engendrar padrões normativos também para o corpo gordo.

Nesse olhar, a gordofobia não costuma ser reconhecida como preconceito, pois, muitas vezes, vem camuflada por meio de uma preocupação com a saúde da pessoa e/ou mascarada na forma de supostos “elogios”: “você tem o rosto tão bonito, por que não emagrece?”. Loureiro (2017) salienta que essas frases pejorativas são carregadas de preconceitos e intolerância. Dessa forma, torna-se necessário discutir sobre feminismos e feminilidades no contexto escolar para desconstruir tais

¹⁰ Disponível em: <https://tvnordestevip.com/candidatas-a-miss-plus-size-ceara-2020-serao-apresentadas-em-um-coquetel-no-hotel-sonata-de-iracema> Acesso em 20 dez. 2020.

preconceitos e binarismos que hierarquizam as relações de gênero e propagam desigualdades nas vivências de identidades/diferenças, afetando sobretudo as meninas/jovens/mulheres/LGB-TQIA+.

4. Todo mundo tem um “corpo de biquíni”: problematizando (pre)conceitos

Quem nunca se sentiu incomodada ao ir à praia/piscina e colocar um biquíni? Já pararam para pensar o porquê e os discursos que enaltecem esse cenário? O filme nos impulsiona a refletir sobre esses questionamentos quando traz uma crítica ao padrão hegemônico de feminilidade. Assim, o longa-metragem, ao narrar o “drama de ser gorda” vivido pela personagem principal, representa uma situação vivenciada por muitas mulheres invisibilizadas e excluídas, sobretudo nos espaços educacionais. Ao abordar a questão da gordofobia em forma de protesto, o filme ressalta a representatividade das múltiplas feminilidades e dos feminismos por meio dos artefatos culturais. O quadro 4 apresenta a discussão sobre “todo mundo tem um corpo de biquíni”.

Quadro 4 – Debate sobre o tema “todo mundo tem corpo de biquíni”

Ao iniciar o desfile com o tema “estilo de vida fitness”, Wil e Elen preparam uma surpresa para o público e repassam a mensagem “todo mundo tem corpo de biquíni” para o público. Vocês poderiam comentar sobre essa cena?

Melissa: Elas passaram realmente a mensagem do protesto delas. Porque as pessoas têm preconceitos com as mais gordinhas e que têm estrias. Ficam falando para não usar biquíni, porque o corpo é feio e tal [...], mas, com essa frase, elas quiseram mostrar o oposto, que todo mundo pode usar biquíni e se sentir confortável com o corpo que tem.

Lorena: É uma questão que eu vejo muito no dia a dia, em qualquer lugar vejo as pessoas sofrendo preconceito por serem gordas, é uma questão de o que as pessoas acham bonito de se ver. Eu tenho certeza que se uma criança crescesse com pessoas que não julgassem as pessoas gordas, elas não iriam julgar pessoas gordas se elas usassem biquíni ou não. As pessoas colocam um padrão, que o bonito é ser magro, mas “ter corpo”, as pessoas crescem acreditando que aquilo é o que é o mais bonito de se ver, e quando veem corpo de pessoas diferentes, seja deficiente, gordo, ou mais magro do que o padrão, as pessoas não acham bonito de se ver e acabam criticando. Eu já vi pessoas de biquíni na praia e as pessoas rirem [...].

Melissa: Um dia desses tinha passado uma mulher gordinha com um short curto, aí minha madrinha disse: “olha que coisa horrível uma mulher gorda com um short curto”, aí eu disse: “o que é que tem?” Aí ela disse: é “*muito feio uma mulher gordinha de short curto*”, é por isso que eu não uso”. É como se ela não se sentisse à vontade com o corpo que tem.

Fonte: Elaborado pela coautora a partir da entrevista coletiva em 18/09/2020.

Ao comentarem a cena do desfile com o tema “estilo de vida fitness”, quando Wil e Elen passam a mensagem “todo mundo tem corpo de biquíni”, as falas de Melissa e Lorena, respectivamente, convergem ao destacarem a questão do preconceito e a gordofobia quando enunciam “as pessoas têm preconceitos com as mais gordinhas e que têm estrias. Ficam falando para não usar biquíni, porque o corpo é feio e tal”, “em qualquer lugar vejo as pessoas sofrendo preconceito por serem gordas”; “eu já vi pessoas de biquíni na praia e as pessoas rirem”. Tais enunciados costumam ser repetidos corriqueiramente nas vivências de pessoas gordas e/ou obesas, representando, além da gordofobia, outros preconceitos e discriminações expressos por meio da exclusão e negação dessas mulheres em distintos espaços socioeducacionais, afetando diretamente a autoestima, visto que a todo o momento estão sendo julgadas, seja por meio de atitudes negativas, seja por “brincadeiras”, marcando e assujeitando suas vidas.

Dávila (2019, p. 80) nos convida a pensar, por meio de um exercício mental, quando questiona “quantas mulheres você vê com o corpo coberto na praia? Quantas se submetem a cirurgias plás-

ticas?” Agora você já observou essa mesma situação em relação aos homens? Talvez, esse episódio esteja relacionado à pressão psicológica da mídia que influencia sistemática e continuamente as mulheres a se encaixarem em padrões de beleza e juventude. A mídia como pedagogia cultural é uma das responsáveis por disseminar padrões normativos, que ensinam, por meio de artefatos culturais, como os sujeitos devem ser e se comportar socialmente, disseminando padrões normativos, que estabelecem “modelos de beleza”, nos quais, na maioria das vezes, os corpos considerados bonitos são os jovens e magros. Nessa lógica, o corpo gordo que destoava desse padrão é discriminado e estigmatizado, além de ser associado às doenças e à obesidade (Costa; Silveira; Sommer, 2003; Stenzel; Guareschi, 2002).

Embora existam artefatos midiáticos que começaram a dar visibilidade a uma diversidade de corpos e feminilidades, a maioria dos filmes e propagandas televisivas ainda enfatiza o corpo magro como “corpo ideal” e/ou “corpo de verão”. Wolf (2020) analisa o papel das mídias sociais nos avanços obtidos ao tentar pluralizar os ideais de beleza e dar visibilidade a corpos até então distantes do reconhecimento e dos meios de comunicação. A autora sinaliza a necessidade de problematização acerca da representação e da representatividade de corpos na mídias sociais, pois, por um lado, podem intensificar a pressão e insegurança de jovens acerca de sua aparência física, por outro, possibilitam derrubar a barreira entre os/as consumidores/as e os/as produtores/as da mídia.

A participante Lorena ressalta: “Eu tenho certeza que se uma criança crescesse com pessoas que não julgassem as pessoas gordas, elas não iriam julgar pessoas gordas se elas usassem biquíni ou não [...] Quando veem corpos de pessoas diferentes, seja gordo, seja mais magro do que o padrão as pessoas acabam criticando”. Sua fala evidencia que o preconceito é construído culturalmente, uma vez que a beleza está diretamente associada a corpos magros e a sociedade moderna critica gorduras, condicionando a ideia de que corpos “bem definidos”, “corpos de verão”, são os mais desejados, ou seja, a cultura constitui corpos objetificados, sexualizados, padronizados e docilizados. Dessa forma, as questões estéticas também passam a ser causas feministas, pois têm um sentido de legitimação da opressão na sociedade, visto que a forma que as instâncias sociais oprimem os corpos constitui um mecanismo que os impossibilita ocupar os espaços públicos, pois a autoestima abalada pode provocar depressão e autoexclusão dos espaços públicos e privados (Dávila, 2019).

Para Louro (2017, p. 56), feminismos e feminilidades (bem como as masculinidades) se fazem, portanto, por meio de repetição, atos, gestos e modos; ou seja, de uma “estilização dos corpos”. O filme “Dumplin’” ainda nos lembra que a gordofobia e os demais preconceitos acerca das feminilidades estão presentes em todos os lugares, principalmente nos espaços escolares, ainda que de forma sutil, por meio de atitudes, gestos e olhares que muitas vezes passam despercebidos e, justamente por isso, precisam ser combatidos diariamente. Então, por que não começarmos no contexto escolar?

Quadro 5 – (Re)conhecimento de preconceitos e gordofobia

Você já presenciou alguma cena de preconceito envolvendo a questão da gordofobia?

Lorena: Muitas vezes, quando eu ia fazer alguma coisa com um/a amigo/a que fosse gordo/a, quando eu estava com outras pessoas, eles criticavam na minha frente dizendo “ai, mas fulano é gordo”. Eu ficava com uma interrogação no meio da minha testa. O que é que tem a ver fulano ser gordo com a capacidade? Com competência? Tem muita aquela relação com a higiene, que falam “ai, fulano é gordo não se cuida, tem pizza debaixo do braço, sua demais”. Eu fico extremamente irritada [...].

Melissa: Com Poliana mesmo, já vi gente dizendo “ela é tão gente boa, mas é tão cheinha”. Como se tivesse alguma coisa a ver (o fato de ser gorda).

Lorena: Essas pessoas que criticam as outras por elas serem de tal maneira são as mais “frustradas” com seus próprios corpos e acabam não se aceitando como são. [...] Se você faz coisas que você gosta, se você é feliz consigo mesmo, as pessoas vão se incomodar, porque muitas delas são frustradas [...] Aquela questão do homem hetero odiar que uma mulher seja capaz de fazer uma coisa melhor que eles. Geralmente, quando estão em uma conversa que uma mulher tenha mais conhecimento sobre tal assunto, eles tentam de alguma forma contornar todo o assunto, é como se a opinião dela e o conhecimento não valessem a pena, porque ela é mulher. Eu já vivi isso várias vezes, quando estou em debate que os caras têm isso em mente, sempre tentam diminuir o meu conhecimento de alguma forma! Desde assuntos escolares de alguma matéria, ou algum assunto social, como racismo, gordofobia, eles começam me destratar e acabam me excluindo da conversa, como se eles se sentissem ameaçados. Eu já percebi, geralmente, é mais sobre essas questões do feminismo. [...] Muitas vezes essas pessoas são tóxicas, tentam lhe diminuir de qualquer maneira.

Fonte: Elaborado pela coautora a partir da entrevista coletiva em 18/09/2020.

O longa-metragem provoca problematizações acerca da gordofobia, da autoestima, do empoderamento feminino e da empatia, sinalizando a ideia de desconstruir estereótipos de beleza e padrões alicerçados no patriarcado. Ao relacionar a gordofobia com feminismos e feminilidades no contexto escolar, as falas de Lorena e Melissa convergem quando criticam enunciados depreciativos: “ai, fulano é gordo não se cuida, tem pizza debaixo do braço, sua demais”; “ela é tão gente boa, mas é tão cheinha”, como se o fato dela ser cheinha fosse algum defeito. Tais enunciados sinalizam a problematização de preconceitos e discriminações com pessoas gordas que caracteriza a gordofobia.

Vale enfatizar que muitas pessoas usam a gordofobia como forma de rotular o feminismo, disseminando a ideia deturpada que as feministas “são infelizes com seus corpos imperfeitos”, “são todas gordas”, “não se depilam”, atribuindo um valor negativo à palavra feminista na tentativa de manter o machismo e o patriarcado intactos. Todavia, “o feminismo soa como uma palavra de honra”, pois luta pela liberdade das mulheres em todas as dimensões, enfrentando o racismo e a gordofobia disfarçados de plaquinhas de boa aparência nas ofertas de emprego (Dávila, 2019).

Os discursos normativos permeiam as questões de gênero, feminismos e feminilidades, se fazendo presentes nos artefatos culturais e pairando sobre as vivências estudantis, narradas pelas participantes, quando destacam que a gordofobia e o heteropatriarcado invisibilizam as mulheres nos espaços socioeducacionais. Nessa perspectiva, Lorena critica o heteropatriarcado ao destacar “a questão do homem hetero odiar que uma mulher seja capaz de fazer uma coisa melhor que eles [...]”, tal enunciado incita o questionamento de machismos e misoginias que oprimem e silenciam as mulheres em distintos espaços socioeducacionais.

Dávila (2019, p. 139) ressalta que a “misoginia é o ódio, aversão, e o desprezo contra as mulheres”. Vale enfatizar que a misoginia é produto de uma cultura machista e patriarcal, que propaga desigualdades de gênero na sociedade contemporânea. Torna-se necessário que as escolas promovam uma educação sem machismos e incorporem os feminismos e feminilidades no contexto educacional

para propagar empatia e sororidade, bem como para formar homens que valorizem e respeitem as mulheres para desconstruir as desigualdades e, enfim, alcançarmos a equidade entre os gêneros.

Ao destacar a questão do machismo nas suas vivências pessoais e estudantis, Lorena ainda complementa:

Eu já vivi isso várias vezes, quando estou em debate os caras, sempre tentam diminuir o meu conhecimento de alguma forma! Desde assuntos escolares de alguma matéria, ou algum assunto social, como racismo, gordofobia, eles começam me destratar e acabam me excluindo da conversa, como se eles se sentissem ameaçados. Eu já percebi, geralmente, é mais sobre essas questões do feminismo.

Tais ditos sinalizam a prática de *mansplaining*, ou seja, atitudes machistas que tentam silenciar e apagar as vozes das mulheres em todos os aspectos.

Dávila (2019) salienta que o termo *mansplaining* significa “homem explicando”, ou seja, quando uma mulher entende e fala sobre algum assunto, sempre tem um homem para explicá-lo novamente e deixar explícito que “sabe mais” do assunto, muitas vezes, até mesmo sem entender de fato, na tentativa de silenciar as mulheres em distintos espaços: institucionais, sociais e escolares. Nesse contexto, é importante problematizar a questão do silenciamento das mulheres, pois constitui uma prática machista muito comum em nosso cotidiano, principalmente nas escolas.

O machismo e o sexismo parecem enraizados nos contextos educacionais, posto que silenciam e invisibilizam a figura feminina por meio da exclusão das mulheres de profissões, carreira, disciplina, gerando posições hierárquicas desiguais. Desse modo, torna-se necessário desenvolver políticas públicas que levem em consideração os efeitos negativos provocados pela dominação masculina, criando parcerias entre as escolas e as famílias, visando desconstruir preconceitos, machismos e práticas sexistas para o desaparecimento progressivo da dominação masculina, mesmo que em longo prazo (Bourdieu, 2003).

O filme engloba a questão da gordofobia, no entanto, ao relacionar com o contexto escolar podemos destacar inúmeros outros preconceitos associados a distintos marcadores identitários, como, por exemplos, a invisibilização das mulheres nas ciências, práticas sexistas e misóginas nos intervalos e salas de aula, assimetrias de gênero nos relacionamentos afetivos, pré-julgamentos com relação à sexualidade feminina, entre outros. Dessa forma, enfatizamos a necessidade da incorporação de feminismos nos currículos escolares para possibilitar o exercício de problematização e desconstrução de preconceitos alicerçados no patriarcado, instigando o empoderamento feminino, a sororidade e a construção de um mundo mais filógeno.

Conclusões transitórias

No decorrer desta pesquisa, evidenciamos os limites e as possibilidades nos modos de incorporação (ou não) dos feminismos e das feminilidades nos currículos escolares, a partir da análise do discurso, por meio da problematização de artefatos culturais, nesse caso, o filme “Dumplin’”, relacionando-o com as narrativas/vivências estudantis. Cabe salientar que algumas discentes destacaram a carência formativa dessa temática nas escolas, e, acrescentamos, na universidade, talvez devido à forte influência histórica e sociocultural do patriarcado aliado ao machismo na disseminação de misoginias e práticas sexistas, além disso, o fundamentalismo religioso constitui um dos principais empecilhos no interior do Cariri cearense.

Os padrões normativos, os machismos, as misoginias e as práticas sexistas constituem cenas marcantes na escola, conforme foi relatado nesta pesquisa. Nesse sentido, estão entre as principais demandas educacionais contemporâneas, pois abrigam múltiplas representações estereotipadas acerca das feminilidades (e das masculinidades), ocasionando desigualdades de gênero que atravessam os distintos cenários educacionais. As violências físicas e verbais, preconceitos, *bullying* e gordofobia também são fatores que foram destacados nos relatos e vivências das discentes, o que torna esse cenário ainda mais agravante, visto que os casos de depressão e suicídios entre jovens são alarmantes na sociedade.

Dessa forma, torna-se urgente e necessário implementar políticas públicas para amparar as jovens mulheres contra violências de gênero. Um caminho produtivo seria a incorporação das temáticas de gênero, corpo, sexualidade, feminismos e feminilidades nos currículos escolares e acadêmicos, para que possamos resgatar vidas, autoestimas e autoaceitação por meio da educação, além de reconhecer as identidades/diferenças e as múltiplas feminilidades (e também masculinidades). Assim, vislumbramos novos horizontes para ir além dos padrões hegemônicos, buscando pluralizar os sentidos, os saberes e as práticas nos currículos escolares. Quem sabe o feminismo não seria um ponto de partida para derrubar as barreiras e ultrapassar as fronteiras de gênero?

Desse modo, concluímos que a partir da problematização de discursos e artefatos culturais, como o filme “Dumplin’”, relacionados com as temáticas de feminismos e feminilidades, incentivamos as jovens estudantes a desenvolverem um olhar crítico acerca de práticas machistas e padrões misóginos que cercam o nosso cotidiano e privam as mulheres de terem autonomia sobre seus corpos e suas vidas, além de impedi-las ou dificultar sua emancipação social, emocional e política. Assim, esta pesquisa contribuiu também para instigar o interesse das estudantes sobre as questões de gênero, feminismos, feminilidades e preconceitos, como a gordofobia. Uma vez que, nos espaços escolares, não costumam ser discutidas de modo contínuo e sistemático, ainda que os machismos estejam explícitos nas vivências estudantis. Então, meninas/jovens/mulheres (estudantes, educadores/as) precisamos ampliar as lutas feministas nas escolas e demais espaços socioeducativos para que nossos corpos com múltiplas identidades/diferenças sigam livres, plurais e “(im)perfeitos”. Afinal, todas nós temos um “corpo de biquíni”!!!

Referências

- Andrade, Paula Deporte; Costa, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**, Canoas, v. 17, n. 34, 2015, p. 48-63.
- Arraes, Jarid. Gordofobia como questão política e feminista. In: **Revista Fórum Semanal** [Internet], 2014.
- Barasuol, Fernanda Barth; Cerioli, Luiza; Kalil, Mariana. O Sul Global e suas Perspectivas: Ampliando as Fronteiras das Relações Internacionais. Monções: **Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 11, n. 21, 2022, p.1-50.
- Beck, Dinah Quesada; Guizzo, Bianca Salazar. Estudos culturais e estudos de gênero: proposições e entrelaços às pesquisas educacionais. **HOLOS**, v. 4, 2013, p. 172-182.
- Bento, Berenice. Transfeminicídio: Violência de gênero e o gênero da violência. IN: Colling, Leandro. (Org). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 43-68.
- Bourdieu, Pierre. **A dominação masculina**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- Connell, Raewyn; Pearse, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: n Versos, 2015.
- Costa, Marisa Vorraber; Silveira, Rosa Hessel; Sommer, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista brasileira de educação**, n. 23, 2003, p. 36-61.
- Dávila, Manuela. **Por que lutamos?: um livro sobre amor e liberdade**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- Dornelles, Priscila Gomes. **Distintos destinos?: A separação entre meninas e meninos na educação fisi-**

- ca escolar uma perspectiva de gênero.** Dissertação de mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.
- Fernandes, Maria da Penha Maia; Mota, Maria D. de Brito. **Feminicídio ao vivo: o que nos clama Eloá. Adital-Agência de Notícias Frei Tito de Alencar**, v. 20, 2008.
- Flick, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- Foucault, Michel. **A Ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.
- Foucault, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade do saber.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- Louro, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.
- Louro, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: G. L. Louro (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7-34.
- Louro, Guacira Lopes. **Flor de Açafraão: takes, cuts e close-ups.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- Loureiro, Gabriela. Preconceito extragrande. **Galileu**, v. 360, n. 1, 2017, p. 28-41.
- Lima, Marcus Eugênio Oliveira; Vala, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 9, 2004, p. 401-411.
- Marques, Maria de Fátima Jerônimo; Guerra, Eliana Costa. Patriarcado e a reprodução da violência de gênero na mídia televisiva brasileira. **Jornada de Políticas Públicas**, 2009.
- Mclaren, Margaret A. **Foucault, feminismo e subjetividade.** São Paulo: Intermeios, 2016. (Coleção Entre-gênero).
- Meyer, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In: Louro, G. L.; Felipe, J.; Goellner, S. V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 11-29.
- Meyer, Dagmar E; Paraíso, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- Naumi, Vasconcelos; Sudo, Iana; Sudo, Nara. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Revista Subjetividades**, v. 4, n. 1, 2004, p. 65-93.
- Nicholson, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000.
- Oliveira, Laís Paula Rodrigues; Cassab, Latif Antonia. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas.** Universidade Estadual de Londrina, 2014.
- Pessoa, Gustavo. O complexo heteropatriarcal: uma contribuição para o estudo da sexualidade na psicologia analítica a partir da teoria social. **Junguiana**, v. 39, n. 2, 2021, p. 89-102.
- Reinert, Priscilla da Silva. **Meu corpo volumoso como suporte da arte: Discussão sobre o bullying na escola.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Graduado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, 2017.
- Ribeiro, Paula Regina Costa; Ávila, Dárcia Amaro. Sujeitos, histórias, experiências, trajetórias... a narrativa como metodologia na pesquisa educacional. **Pesquisas em Educação: experimentando outros modos investigativos.** Coleção Cadernos Pedagógicos da EaD, v. 18, 2013.
- Rodrigues, C.; Andrade, D. S. V.; Mano, M. K. Por uma Teoria Social de Gênero do - e para - o Sul Global: uma entrevista com Raewyn Connell. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 3, n. 1, 2015.
- Rosa, Cristiano Eduardo; Felipe, Jane; Leguiça, Michele Lopes. “Eu não sou um homem fácil”: *scripts* de gênero e sexuais em tela e na educação. **Revista Práxis**, v. 2, 2019, p. 284-300.
- Sanches, Rodrigo Daniel. **Do homem-placa ao pixman: O corpo como suporte midiático.** S. J. Rio Preto: FAPESP/Bluecom, 2009.
- Silva, Elizabete Rodrigues. Feminismo radical-pensamento e movimento. **Textura**, v. 3, n. 6, 2008, p. 24-34.
- Silva, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Silva, Milena Oliveira da et al. **Corpo, Cultura e Obesidade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia**. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil, 2017, 212f.

Silveira, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em Educação – uma arena de significados. In: Costa, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007, p. 117-138.

Scott, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

Souza, Valdelice Cruz Silva; Gonçalves, Josiane Peres. Gordofobia no Espaço Escolar: uma análise histórico-cultural. **Revista Ciências Humanas**, v. 14, n. 1, 2021.

Stewart, Walkis. Gênero e Sexualidade no Sul Global: Um olhar para feminismos africanos sob a perspectiva pós-colonial. **O Cosmopolítico**, v. 4 n.2, jun. 2017.

Stenzel, Lucia Marques; Guareschi, Pedrinho A. A dialética obesidade/magreza: um estudo em representações sociais com adolescentes. **Revista de Ciências Humanas**, 2002, p. 183-194.

Wolf, Naomi. **O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

**“Everybody has a bikini body”:
problematizing fatphobia and
femininity patterns from the film
Dumplin (2018)**

Abstract:

In this study, we analyze discourses on youth feminisms and femininities in the school context of Cariri, in Ceará, Brazil, based on the problematization of cultural artifacts. The research involved 13 young women students from state public schools, through a press conference, with Foucault’s discourse analysis to examine the empirical material. The results obtained showed that juvenile femininities are marked by stereotyped normative patterns, bullying, violence and prejudices such as fatphobia, as well as the non-recognition of multiple femininities. Thus, we conclude by emphasizing the importance of incorporating the debate on feminisms and femininities in school and academic curricula.

Keywords: Femininities. Feminisms. Gender. Fatphobia. Movie theater.

**“Todo el mundo tiene cuerpo de biquini”:
problematizando la gordofobia y los
patrones de feminidad a partir de la
película “Dumplin” (2018)**

Resumen:

En este estudio, analizamos discursos sobre feminismos y feminidades juveniles en el contexto escolar del Cariri, en Ceará, Brasil, a partir de la problematización de artefactos culturales. La investigación involucró a 13 jóvenes estudiantes de escuelas públicas estatales, a través de una entrevista colectiva, con el análisis del discurso de Foucault para examinar el material empírico. Los resultados obtenidos mostraron que las feminidades juveniles están marcadas por patrones normativos estereotipados, *bullying*, violencia y prejuicios como la gordofobia, así como el no reconocimiento de las feminidades múltiples. Así, concluimos destacando la importancia de incorporar el debate sobre feminismos y feminidades en los currículos escolares y académicos.

Palabras clave: Feminidades. Feminismos. Género. Gordofobia. Cine.

HISTÓRICO

Recebido: Outubro/22

Parecer: Abril/23

Parecer: Março/23

Aceito: Abril/23

Revisado Autor: Abril/23

Revisão Gramatical/Ortográfica e ABNT: Junho/23

Revisado Autor: Junho/23

Diagramação: Junho/23

Publicado: Junho/23

Equipe Editorial Revista TOMO envolvida no processo editorial deste artigo

Marina de Souza Sartore (Editora-Chefe)

Fabiana Bartira de Souza Brito (Editora assistente júnior)